

A ÉTICA E A CONCEPÇÃO RELIGIOSA DE ISIDORO DE SEVILHA: O LIVRO DAS *SENTENÇAS*

Sergio Alberto Feldman*

Resumo: Isidoro de Sevilha, cognominado o Hispalense, viveu numa era de transição, que se sucedeu a queda do império Romano do Ocidente, no final do séc. VI e na primeira metade do séc. VII. Irmão do bispo de Leandro de Sevilha, sucedeu-o na diocese hispalense. Autor de vasta obra exegética e doutrinária, fundamentada no saber clássico e na patrística, foi conselheiro de reis, líder de dois concílios da igreja ibérica. Muitos o consideram um dos últimos “padres da igreja”. Sua obra exegética objetiva provar a verdade da fé cristã, através de leitura alegórica e tipológica. Sua maior obra teológica foi o livro das *Sentenças*, no qual explica toda a sua concepção de mundo: Deus, homem, igreja, os pecados, o castigo, a oração, a *lectio divina*, a política e o final dos tempos. Este artigo pretende descrever e analisar a visão de mundo isidoriana, vista através do prisma da luta do bem e do mal, do confronto entre as boas ações e os pecados, que emana desta obra.

Palavras-chave: Isidoro de Sevilha; Pecado; Livro das *Sentenças*.

148

Abstract: Isidore of Seville, called the Hispalense, lived in a transition era, which came after the fall of the Western Roman Empire, at the end of 6th century, and the first half of 7th century. He was the brother of the Bishop of Leander of Seville, and succeeded him in the Hispalense dioceses. He was the author of a vast exegetic and doctrinaire work, based on the classic knowledge and on patristic, he was the counselor of kings, and leader of two councils of the Iberian Church. Many consider him as one of the last “Fathers of the Church”, the objective of his exegetic work was to prove the truth of the Christian faith, through allegoric and typological literature. His major theological work was the book of *Sentences*, where he explains his entire conception of the world: God, men, church, the sin, punishment, prayer, the *divine lectio*, politics, and the end of times. This article aims at describing and analyzing Isidore’s view of the world, from the point of view of the fight between Evil against Good, the struggle between the good deeds and sins that stem from his work.

Keywords: Isidore of Seville; Sin; Book of Sentences.

Submetido em: 10/09/2017

Aceito em: 13/10/2017

* Professor associado III, vinculado ao DEPHIS/UFES e ao Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas (PPGHIS). Vinculado ao Laboratório de Estudos Tardo Antigos e Medievais Ibéricos (LETAMIS) e Sefaradis. Graduado em História Geral na Universidade de Tel Aviv (Israel), mestre em História Social pela USP e doutor em História pela UFPR. E-mail: serfeldpr@hotmail.com.

Há cerca de duas décadas se discute sobre quem seria o patrono da internet. O candidato mais votado tem sido sempre o bispo Isidoro de Sevilha. A pergunta que se faz de imediato seria: por quê? Quais as razões desta candidatura ter tanto apoio.

Uma das razões seria a obra mais famosa de Isidoro: as *Etimologias*. Uma espécie de enciclopédia criada na antiguidade tardia e que serviu de referencia a inúmeros filósofos e teólogos medievais. Uma redução do saber clássico apresentado, sob uma ótica cristã e de uma maneira acessível, numa era de poucos saberes e na qual havia uma grande maioria de iletrados. Saber acessível e superficial, tal qual a internet? Essa definição não faz jus a grandeza de um pensador cristão, que viveu numa era de crise e ruptura.

Isidoro (c. 560-636), provavelmente nascido em Sevilha (ou talvez Cartagena) no período visigodo. Bispo da primeira cidade entre os anos de 600 a 636. Autor de vasta obra, conhecedor dos escritos clássicos e da patrística, que o antecedeu. Teve forte influência de Agostinho de Hipona e do papa Gregório Magno. Suas obras mais conhecidas são as *Etimologias*, a *História* e as *Sentenças*. Muitas obras menores preenchem uma vasta atividade literária. Seu trabalho pastoral foi direcionado ao clero diocesano e também a toda Hispânia através de seus escritos.

Seguindo os passos de seu irmão Leandro, que o antecederia na diocese de Sevilha, e dentro de um estilo próprio, manteve contato com os reis visigodos de seu período, tendo influenciado bastante os reis Sisebuto, Suintila e Sisenando. Seu papel na política teve enorme importância. Presidiu o II Concílio de Sevilha em 619 e o IV Concílio de Toledo (633), tendo exercido enorme influência na igreja ibérica neste período (ORLANDIS, 1988, p. 103; 113).

Propomo-nos nesta breve apresentação, analisar alguns trechos de sua obra *Sentenças* e tentar entender um pouco sua compreensão das maneiras de se aproximar de Deus, de obter a verdadeira conversão e o seu conceito de pecado. Como se aproximar de Deus? Como se converter? A ética isidoriana permeia toda sua obra e direciona o homem a se aproximar de Deus e buscar nas virtudes, o caminho da sua salvação.

A definição de Isidoro conceitua aquelas que viriam a ser consideradas por seus predecessores como as três vias clássicas de se aproximar de Deus e de seus caminhos: a *purgativa*, a *iluminativa* e a *unitiva*. Isso se pode perceber no trecho: "El progreso de cada converso se presenta dividido en tres etapas, a saber: la primera enmendarse del mal; la segunda, practicar el bien; la tercera, conseguir el premio de la obra buena" (Isidoro, *Sent.*, II, 7, 7).¹

¹ No original: "Tripartitus describitur esse uniuscuiusque conversi profectus, id est, primus, corrigendi a malo; secundus, faciendi bonum, tertius, consequendi boni operis praemium". Optamos por manter no corpo do texto a versão em espanhol, de fácil compreensão.

Os caminhos para Deus são difíceis e os degraus da ascensão são definidos pelo Hispalense.² No livro das *Sentenças*, Isidoro tenta qualificar os níveis ideais da aproximação com Deus, através do estudo e das obras, mas principalmente, pelo distanciamento do “século”.³ Pode se afirmar que ele seja um dos primeiros a falar de categorias de aproximação com o divino: os incipientes, os proficientes e os perfeitos (Isidoro, *Sent.*, II, 18, 35).

Podemos perceber que na visão isidoriana, o ideal monástico de uma vida contemplativa seria o nível mais elevado. O monge rompe com o mundo e se separa dos negócios mundanos. As duas etapas iniciais são a preparação para poder se chegar à união com Deus. Após a extirpação do pecado e dos vícios e distanciamento da vida mundana se poderia chegar a uma vida contemplativa e ao “premio de la obra buena”.

A idéia central de toda sua obra é o pecado. O homem pode se fortalecer através da espiritualidade aproximando-se de Deus ou se distanciar das virtudes, aproximando-se do pecado, do materialismo e da vida mundana.

A vida humana é o palco da luta das virtudes contra os vícios: em latim um capítulo do segundo livro se denomina *De pugna virtutum adversus vitia* (Isidoro, *Sent.*, II, 37).⁴ Vícios seria o termo isidoriano para pecado: os sete pecados capitais são definidos de maneira um pouco diferente de seus antecessores, mas mantendo a postura tradicional da patrística. Os vícios se iniciam no distanciamento de Deus. O ser humano deve constantemente lutar contra os vícios ou pecados: se arrependendo dos erros cometidos, se distanciando dos vícios e se re-aproximando de Deus (Isidoro, *Sent.*, II, 32, 1).⁵

Esta concepção de mundo isidoriana se assemelha muito e faz lembrar a obra de Hilário Franco Jr., *Idade média nascimento do Ocidente*, na qual o autor explicita os componentes centrais do imaginário de mundo medieval. Diz:

O primeiro deles a ser analisado é a visão sobrenatural que se tinha do universo. Depois o simbolismo, a única linguagem possível para aquela leitura do universo. A seguir, o belicismo, o sentimento de que tudo e todos participam da luta cosmológica entre as forças do Bem e do Mal. Por fim, o contratualismo, as formas de relação com um ou outro daqueles partidos do mundo extra-humano (FRANCO JR., 2001, p. 191).

² Hispalis seria Sevilha em latim. Hispalense é Isidoro de Sevilha.

³ Neste contexto século não se refere a uma centena de anos, mas ao mundo leigo, carnal, não espiritual ou mundano.

⁴ Neste capítulo se dedica a descrever os árduos confrontos entre as virtudes e os pecados capitais. Na seqüência da obra, nos capítulos que seguem, descreve e analisa cada um dos pecados capitais, seguindo uma ordem e uma classificação própria. A *superbia* (soberba) é considerada o pecado de maior gravidade, pois a partir da soberba, ocorre a desobediência a Deus.

⁵ No original: “Recendens homo a Deo statim vitiorum traditur potestati, ut dum patitur infesta vitia, revertendo, unde ceciderat resipiscat”. Isidoro faz uma alegoria à queda do homem, no pecado original: o homem que peca e se entrega aos vícios se afasta de Deus. Ao sofrer os efeitos desta ‘queda’, tende a se arrepender e a buscar o retorno ao ‘estado do qual havia caído’.

Estas também são as vigas mestras na percepção de mundo do Hispalense. Um amplo e profundo simbolismo que se reflete na explicação do mundo como um campo de batalha. Ou seja, o belicismo. O bem e o mal se digladiam e os humanos devem fazer escolhas. A igreja compreende que tem uma função educacional que é fazer entender a sociedade dos fiéis, qual seria o caminho da humanidade, para a segunda vinda de Cristo e a sonhada redenção do final dos tempos, poder se consumir. Fazendo uso de Franco Jr. (2001), engajar a sociedade cristã na batalha que redundaria na escatologia e na vitória do bem, da verdade, ou seja, de Cristo contra o diabo.

Isidoro desenvolve uma concepção de mundo permeada por uma luta constante, do bem e do mal, das virtudes e dos vícios, do espiritual e do material /carnal. Toda a sua compreensão dos fatos, da vida, das relações políticas, do governante ideal, do sentido da história, acaba por refletir esta concepção do combate ao mal e dos perigos inerentes ao "século". Essa é uma constante de sua obra. Pode-se percebê-la também nas *Etimologias* ou na *História*.

Ainda que isto seja perceptível em toda a sua obra, nas "Sentenças", Isidoro aprofunda e esclarece de maneira clara e profunda a sua concepção de mundo. Por isso é nossa intenção articular a sua leitura e análise, para melhor compreender a sua visão de mundo.

No início do livro I descreve Deus e seus atributos (capítulos 1 a 6), a criação do mundo, do tempo, dos anjos, do homem e do mal (capítulos 7 a 13). Em seguida descreve Cristo e o Espírito Santo (capítulo 14). Daí em diante descreve a igreja e seu papel na história. Toda a seqüência do livro é ordenada no intuito de ensinar e doutrinar na fé verdadeira e combater o mal e o pecado. A igreja, suas instituições, seus sacramentos são a vanguarda da luta. O homem é descrito como um microcosmo. Isidoro segue a linha de cultura clássica. Abre o capítulo *De Mundo* (O mundo) expondo o principio geral da relação entre o microcosmo humano e o macrocosmo: "El mundo está compuesto de elementos visibles, que por cierto pueden ser investigados. El hombre, en cambio, integrado por un conjunto de elementos, en cierto modo viene a ser en compendio, otro mundo creado" (Isidoro, *Sent.*, I, 8, 1).⁶

O homem, assim como o mundo, é bom por natureza (Isidoro, *Sent.*, I, 9, 6).⁷ Contudo o pecado original causou uma queda, e o tornou suscetível ao pecado. Eis aqui o problema central da obra, da concepção de mundo, da visão da sociedade e do

⁶ No original: "Mundus ex rebus visibilibus, sed tamen investigabilibus constat. Homo autem ex rerum universitate compositus, alter in brevi quodam modo creatus est mundus". Aqui Isidoro mostra sua forte influência da cultura clássica, ao relacionar macrocosmo e microcosmo. Esse tema é largamente analisado na obra de Jacques Fontaine.

⁷ No original: "Fecit Deus omnia valde bona. Nihil ergo natura malum [...]". Na concepção isidoriana o mundo foi feito bom e mesmo o que aparenta ser mal, se usado de maneira adequada, se torna bom. Trata-se de uma obra divina, portanto tudo o que foi divinamente criado seria bom por natureza.

sentido do poder de acordo ao bispo hispalense. O mundo estava contaminado pelo pecado e a função da igreja era purificar a sociedade e aproximá-la de Deus. "A causa del pecado del primer hombre y en castigo del mismo, todos los males juntos cayeran sobre la totalidad del género humano" (Isidoro, *Sent.*, I, 9, 8).⁸

Essa condição leva o homem a viver em permanente tensão com Deus e com seus desejos carnis, sendo tentado pelo Diabo e forçado a viver sua existência terrena como um verdadeiro castigo, tentando se purificar e se aprimorar (Isidoro, *Sent.*, III, c. 1-6; III, c. 58; I, c. 11, 7-10).⁹ Tudo o que for prazer carnal, é definido como uma armadilha, uma tentação que leva o homem a cair nos braços do Diabo. "El hombre, a causa del pecado, fue entregado en poder del diablo [...]" (Isidoro, *Sent.*, I, c. 11, 7).¹⁰

Para vencer as tentações do Diabo e da carnalidade deve se elevar aos céus, a Deus (Isidoro, *Sent.*, III, 16, 5-7). Isidoro descreve os caminhos que propiciam essa elevação. Acredita que através da misericórdia divina e por sua graça, complementada pela ação e disposição humana - o fiel pode superar o pecado (Isidoro, *Sent.*, I, c. 27, 3; II, c. 5, 2-5).¹¹ A ação humana que rechaça o pecado e se distancia dele é denominada por Isidoro pelo termo "conversão".

Não se trata da conversão do pagão, do judeu ou do herege. Trata-se da conversão do fiel que já é batizado, mas precisa transcender a sua condição de herdeiro do pecado original. É o descendente do primeiro homem que trata de restaurar ao nível pessoal, extirpar a mancha do pecado original, se elevando a Deus. No seu entendimento, a validade da conversão é sua manutenção, de maneira plena, persistente e contínua. Trata-se de uma atitude de perseverança, de ação diária, que se inicia e se mantém pelo resto da vida (GARCIA, 1980). "Porque entonces agrada a Dios nuestra conversión cuando, perseverantes, hasta el fin, dejamos ultimado el bien que comenzamos?" (Isidoro, *Sent.*, II, c. 7, 2).¹²

O livro das *Sentenças* descreve de maneira extensiva o trabalho de conversão. Trata-se de uma luta cotidiana, extensa e de difícil execução. Algumas 'armas' espirituais são ressaltadas para ajudar o converso. Descreveremos algumas delas, de maneira a compreender um pouco, a visão isidoriana.

⁸ No original: "Cuncta mala per peccatum primi hominis pro poena sunt translata in universus genus humanum". O pecado original se caracteriza aqui como a origem de todos os males.

⁹ Nestes trechos Isidoro analisa a condição humana diante de Deus, do pecado e do castigo. Enfatiza os castigos divinos, a atuação do Diabo e as maneiras que se manifestam os castigos através de acontecimentos, doenças e dissabores. No livro III, cap. 58 cuida de explicar os males e dissabores que sofrem os justos. E no trecho do livro I, cap. 11 caracteriza a função e a razão da existência do Diabo.

¹⁰ No original: "Homo propter peccatum tunc traditus est Diabolo [...]"

¹¹ Trecho no qual Isidoro conceitua e determina a importância da graça e da misericórdia divinas. Na sua compreensão sem a graça e a misericórdia divina é impossível a salvação do ser humano.

¹² No original: "Tunc enim placet Deo nostra conversio, quando bonum, quod inchoamus, perseveranti fine complemus".

A primeira é a compunção ou o pesar de ter cometido pecado ou má ação. Isidoro acrescenta a humildade e a capacidade de se afastar dos desejos carnis. Seria uma aguda forma de autocrítica espiritual, uma reflexão extrema que de princípio admite a fraqueza do gênero humano, entregue as tentações do “século”, aos desejos carnis e da terrível soberba que o impede de perceber sua pequenez diante do criador. “La compunción del corazón es el sentimiento de humildad del alma acompañado de lágrimas que brota del recuerdo de los pecados y del temor al juicio” (Isidoro, *Sent.*, II, c. 12, 1).¹³

A segunda é a penitencia. Trata-se de uma consciência dos pecados, uma atitude de arrependimento. O justo tem autocrítica e Isidoro considera este estágio como fundamental para combater o pecado. “Cada uno comienza a ser justo, desde el momento en que se constituye en su acusador [...] Es ya una gran parte de la justicia que el hombre conozca que es malo [...]” (Isidoro, *Sent.*, II, c. 12, 1-2).

A terceira seria a oração. A oração ajuda a combater o assedio dos vícios e pecados, dos desejos carnis e das tentações que se insinuam através dos sentidos. “[...] aplicarse a la oración cuanta veces le asalta algún vicio, ya que la oración frecuente neutraliza el ataque de éstos” (Isidoro, *Sent.*, III, c. 7, 1 *et seq.*).

A oração exorciza os demônios, pois invoca a presença do Espírito Santo que faz as presenças demoníacas se esvaírem (Isidoro, *Sent.*, III, c. 7, 3).¹⁴ A oração tem importância enorme na concepção isidoriana e isso se percebe, tanto pelo espaço que lhe dedica, como no poder atribuído e no significado da oração como elemento purificador do pecado e dos vícios por propiciar a união com Deus, facilitando ao convertido na sua aproximação ao Senhor.

A quarta arma espiritual que percebemos na visão isidoriana é a *Lectio Divina*. Isidoro lhe dedica cerca de sete capítulos do *Livro das Sentenças*. Trata-se da leitura e da análise dos ensinamentos divinos contidos nas Escrituras. Ainda que a oração supere a leitura (*lectio divina*), esta a complementa: “[...] porque cuando oramos somos nosotros que hablamos con Dios, mas cuando leemos, es Dios quien habla con nosotros” (Isidoro, *Sent.*, III, c. 8, 2).¹⁵ A leitura oferece ao fiel o instrumento para poder combater o pecado, enfrentar os vícios e se elevar a Deus.

Essas armas espirituais podem ser usadas por todos os fiéis, mas está claro para Isidoro que há sutis diferenças entre os fiéis. Isidoro tenta qualificá-los e defini-los de acordo a gêneros de vida ou categorias. Sendo os fiéis diferentes entre si,

¹³ No original: “Compunctio cordis est humilitas mentis cum lacrimis, exoriens de recordatione peccati et timore iudicii”.

¹⁴ No original: “Quando quisque orat, sanctum ad se spiritum advocat. At ubi venerit, confesti tentamenta daemoniorum quae se mentibus humanis imergunt, praesentiam eius ferre non sustinentes, effugiunt”.

¹⁵ No original: “Qui vult cum Deo sempre esse, frequenter debet orare, frequenter et legere. Nam cum oramus, cum Deo ipsi loquimur; cum vero legimus, Deus nobiscum loquitur”.

terão gêneros de vida e espiritualidade adequados a cada um dos caminhos que levam ao Senhor.

Os três gêneros de vida na concepção isidoriana são os monges, os clérigos seculares e os laicos (Isidoro, *Sent.*, III, c. 18-22; III, c. 15, 5; II, c. 7, 7). Todos devem ter como objetivo a purificação da alma para atingir o nível de contemplação. Os monges podem atingir esse nível, desde que, “[...] renunciem debidamente a todo lo suyo e busquen [...] una vida más perfecta” e para tanto devem desligar-se de tudo, até de si mesmos.

“Para la perfección no basta que haya renunciado a todos sus bienes, se no renuncia también a sí mismo. Mas qué significa negarse a sí mismo sino renunciar a los placeres propios?” (Isidoro, *Sent.*, III, c. 18, 2).¹⁶ O ideal é desligar-se do mundo, dos bens materiais, dos prazeres carnis e passar a viver só para Deus. Ou seja, a “[...] vida activa hace bien uso de los bienes del mundo, mas la contemplativa, renunciando al mundo, se complace en vivir solo para Dios” (Isidoro, *Sent.*, III, c. 15, 2).¹⁷

Seguindo essa proposição isidoriana, a razão de ser dos fieis e principalmente dos clérigos e monges seria o conhecimento de Deus e de sua vontade expressa nas sagradas Escrituras. Isidoro afirma no início do livro II, definindo a sabedoria: “Todo lo que es sabio según Dios es feliz. La vida feliz consiste en conocer la divinidad. El conocimiento de la divinidad da merito a la obra buena, y el merito de la obra buena es premio de la eternidad” (Isidoro, *Sent.*, II, c. 1, 1).¹⁸

154

A leitura das Escrituras (*lectio divina*) seria o diálogo de Deus com os seres humanos. A instrução ou iluminação deve ser direcionada a todos. Como agir de acordo aos desígnios de Deus, sem conhecer sua palavra? Como transmiti-la, se o analfabetismo e a ignorância predominavam na sociedade hispano-goda? Isidoro vivia num período de obscurantismo quando o preparo dos doutores, dos clérigos e dos monges era limitado ou quase nenhum. Sua obra, de uma maneira geral demonstra esta preocupação. As Sentenças se encaixam nesta perspectiva de ensinar e preservar o saber e a fé. A preocupação de Isidoro é externada com clareza e veemência.

É preciso excluir do sacerdócio os pecadores e iníquos, mas também os despreparados e ignorantes. Os primeiros corrompem os fieis com sua maldade e os segundos são incompetentes e inábeis para cuidar de seu rebanho de fieis (Isidoro, *Sent.*, III, c. 35).¹⁹ Isidoro considera a ignorância como uma das causas do pecado. A seu

¹⁶ No original: “Ad perfectum non sufficit, nisi ut, abnegatis omnibus suis, etiam seipsum quisque abneget; sed quid est seipsum abnegare, nisi voluptatibus propriis renuntiare? [...]”.

¹⁷ No original: “Activa vita mundanis rebus bene utitur, contemplativa vero mundo renuntians, soli Deo vivere delectatur”.

¹⁸ No original: “Omnis qui secundum Deum sapiens beatus est. Beata vita cognitio divinitatis est. Cognitio divinitatis virtus boni operis est. Virtus boni operis fructus aeternitatis est”.

¹⁹ Isidoro afirma que se um cego orienta outro cego ambos cairão no abismo.

ver, “[...] por causa de la ignorância peco Eva en el paraíso” (Isidoro, *Sent.*, II, c. 17, 3).²⁰ Se, como dissemos acima, a vida feliz consiste em conhecer Deus, fica implícito que o valor da sabedoria e das obras, depende da fé. “No podemos alcanzar la verdadera felicidad sino mediante la fe [...]”.

Isidoro coloca o saber a serviço de Deus, da moral e dos valores cristãos: sem Deus de nada vale o saber. Um saber fora da doutrina e da fé tem valor negativo. A busca de Deus impregna todo saber e é a razão da existência terrena de acordo com Isidoro. Não pode haver saber verdadeiro, sem obras de virtude e sem a busca da fé verdadeira. “El primer afán de la ciencia consiste en buscar a Dios; luego, la integridad de vida acompañada de obras de virtud [...]” (Isidoro, *Sent.*, III, c. 1, 3).²¹

Aquele que se dedica aos negócios e às preocupações terrenas se distancia do saber verdadeiro: “Nadie recibe con plenitud la sabiduría de Dios, sino aquel que se esfuerza en sustraerse a toda preocupación de los negocios” (Isidoro, *Sent.*, II, c. 1, 4).²²

A condição *sine qua non* é o respeito e o temor a Deus. É o ponto de partida para realmente se aproximar de Deus. O temor a Deus é o primeiro degrau, pois leva o fiel a dominar o desejo carnal e material, pelo receio do castigo futuro (Isidoro, *Sent.*, II, c. 8, 3). Em seguida o convertido pode evoluir e atingir um elevado grau de conhecimento, aonde o temor dá lugar ao amor a Deus. “Es preciso que todo converso, tras el temor procure elevarse hasta el amor a Dios, como un hijo, e que no esté siempre abatido por el temor, cual un siervo”.²³

Isidoro considera que a servidão seria um castigo pelo pecado original. Neste trecho, faz uma definição da condição humana: ser livre seria se libertar do medo (*timore*) e da repressão. Para sair do estado de servidão e cegueira, um humano deveria elevar seus conhecimentos de Deus. Ao conhecer Deus, o ser humano não precisa do medo e do castigo para temê-lo e respeitá-lo. O conhecimento eleva-o, ao nível do amor a Deus.

Um nível difícil (impossível) de ser atingido por quem vivia no “século”. O mundo material e carnal era repleto de armadilhas e perigos. Isidoro constrói cuidadosamente as etapas dessa evolução, enumerando-as e descrevendo os perigos e as tentações do mundo material, dos desejos carnis. Os pecados devem ser combatidos com serenidade. O progresso espiritual deve ser atingido através de um método cuidadoso e metódico.

²⁰ Isidoro qualifica tipos de pecados de acordo as suas razões: ignorância, debilidade (fraqueza), malícia. Eva pecou por ignorância, mas Adão voluntariamente, pois agiu de maneira deliberada e consciente (*sed sciens prudensque peccavit*).

²¹ No original: “Primum est scientiae stadium quaerere Deum, deinde honestatem vitae cum innocentiae opere”.

²² No original: “Nullus sapientiam Dei plene recipit, nisi qui se ab omni abstrahere actionum cura contendit”.

²³ No original: “Necesse est omni converse ut post timorem consurgere ad caritatem Dei debeat, quasi filius, nec semper sub timore iaceat, quasi servus”.

Isidoro considera que “primeramente hay de reprimir el mal para luego ejecutar el bien” (Isidoro, *Sent.*, II, c. 36, 5).²⁴ Há aqui uma clara e demarcada concepção dos usos do poder, do sentido da *res* pública cristã. A concepção de poder isidoriana é negativa. A monarquia isidoriana deve controlar o comportamento social, coagir os súditos no sentido de se comportar dentro dos parâmetros definidos como adequados ou éticos a uma sociedade cristã pura, fiel a Deus e assim sendo a razão de ser do governo seria reprimir os súditos, controlar seu comportamento, seus impulsos materiais e carnisais, que os conduzissem ao pecado.

Isto é diametralmente oposto a concepção de *res* pública, dentro do conceito clássico ou greco romano de estado, que visava o bem estar dos cidadãos ensejando que tivessem tempo e espaço para exercitar, seja a mente, seja o corpo e no espaço da *polis* ou da *urbs* praticar a política, cultivar um corpo são e os saberes amplos e racionais da cultura e da filosofia – aqui se pretende uma organização política de caráter coercitivo, que controle o pecado e direcione a sociedade a comportamentos aceitos como puros e adequados. Mas como executar tal proposta? Como elevar os fiéis a este patamar moral tão espiritual?

A etapa inicial é praticamente uma pré-condição para a etapa seguinte, superior e elevada. Nesta visão “[...] hay que desarraigar del hombre los vicios y luego implantar las virtudes. Porque la verdad no puede tener cohesión ni estar unida con la mentira [...]” (Isidoro, *Sent.*, II, c. 36, 6).²⁵

156

O pecado deve ser identificado, descrito e demarcado de maneira pedagógica. Os limites do bem e do mal, do certo e do errado são aclarados por Isidoro, para demarcar o que o convertido pode ou não pode fazer. Pecar é distanciar se de Deus. O pecado é como a morte da alma e se assemelha a cair no inferno (Isidoro, *Sent.*, II, c. 14,2). A incidência no pecado é comparada com uma queda e um distanciamento de Deus (Isidoro, *Sent.*, II, c. 15, 1; II, c. 23, 6; II, c. 32, 1) 3). Isidoro compara a queda num poço e a reincidência como o fechamento da passagem: “Cometer el pecado es como caer en un pozo, mas contraer lo costumbre de pecar es como estrechar la boca del pozo a fin de que no pueda salir quien cayo en el” (Isidoro, *Sent.*, II, c. 23, 4).²⁶

Isidoro dedica longos trechos de sua obra para definir e caracterizar o pecado. Sua pedagogia social era que esclarecendo á sociedade, através dos representantes da igreja, o que seriam os pecados, gradualmente os súditos (leia-se fiéis) se afastariam do erro e do pecado. A origem do pecado está ligada ao ímpeto de concupiscência, à

²⁴ No original: “Prius est cohibendum a malo, deinde exercendum bonum”.

²⁵ No original: “Prius vitia exstirpanda sunt in homine, deinde inserendae virtutes. Nam cohaerere et coniungi non potest veritas cum mendacio [...]”.

²⁶ No original: “Peccatum admittere cadere est in puteum; consuetudinem vero peccandi facere, os putei est angustare, ne is qui cecidit valeat exire”.

fraqueza, à ignorância, ou por razões conscientes e intencionais. O processo de criação do pecado passa pelo coração e depois se consuma em ações. As motivações seriam quatro: “[...] por sugestión demoníaca, por deleite carnal, por consentimiento de la voluntad, por justificación de la soberbia” (Isidoro, *Sent.*, II, c. 17, 2).²⁷ A consumação em ações pecaminosas é feita “[...] ora a escondidas, ora en publico; ora por costumbre, ora por desesperanza” (Isidoro, *Sent.*, II, c. 17, 2).²⁸

Na sua descrição e qualificação dos pecados divide-se em mais leves (Isidoro, *Sent.*, II, c. 18, 1-6) e mais graves (Isidoro, *Sent.*, II, c. 19, 1-8); públicos e ocultos (Isidoro, *Sent.*, II, c. 20, 1-5); analisa o costume (Isidoro, *Sent.*, II, c. 23), o afeto (Isidoro, *Sent.*, II, c. 21) e a necessidade de pecar (Isidoro, *Sent.*, II, c. 22) de muitas pessoas.

Isidoro era um homem de seu tempo. Separava o espírito do corpo e entendia que as doenças e os males eram causados pelos pecados. Os sentidos do corpo, ou carnis (*sensus carnis*) seriam a porta da doença que se apossa do corpo e da alma (Isidoro, *Sent.*, II, c. 28). Na sua concepção o pecado penetra na alma pelos cinco sentidos: audição, olfato, gosto, vista e tato (BASTOS, 2002). Usando uma alegoria bíblica baseada em Abdias, c. 1, v. 11 compara a tomada de Jerusalém pelos babilônios (os quais denomina estranhos ou *extraneos*), com a tomada do corpo, através de suas ‘portas’ (sentidos) por espíritos inferiores, afirmando que “[...] sin duda, los extraños son los espíritus inmundos, que se introducen en el alma a través de los sentidos carnales como a través de puerta y la esclavizan con sus halagos” (Isidoro, *Sent.*, II, c. 28, 2).²⁹ O desejo e os prazeres carnis são aqui comparados a uma posse por espíritos inferiores.

Na sua detalhada descrição dos pecados, sempre os relaciona de alguma maneira com a carnalidade, a soberba, o desejo pelo poder e o Diabo. Fala seguidamente dos vícios (Isidoro, *Sent.*, II, c. 32), mas não os conceitua com clareza e nem os diferencia dos pecados. Em alguns momentos vícios se assemelham como antônimo de virtudes. “Así, el vicio nace del vicio, como la virtud surge de la virtud”.³⁰

A visão isidoriana de mundo compreende o mesmo, como um imenso campo de batalha entre o bem e o mal: o homem deve optar por se alinhar ao lado de Deus, renunciando ao mal, aos desejos carnis e materiais. Ou então pelo menos, minimizar sua relação com estes prazeres e agir de maneira reta e coerente com os princípios cristãos.

²⁷ No original: “[...] suggestione daemonum, delectatione carnis, consensione mentis, defensione elationis.

²⁸ No original: “[...] nunc latenter, nunc palam, nunc consuetudine, nunc desperatione».

²⁹ No original: “Extraneos quippe inmundos esse spiritus, qui tanquam per portas, ita per sensus carnis animam irrepunt, et eam illecebrando devincunt».

³⁰ No original: “Sic vitio vitium gignitur, sicut virtus virtute concipitur”.

Breves reflexões finais

O pecado permeia as representações de mundo na perspectiva isidoriana. Há uma clara intenção de enfrentar o inimigo declarado e explícito com toda a intensidade possível: o Diabo está no mundo material, carnal e sensorial. Não há outro caminho senão exercer mecanismo de controle, usando da pregação, da exegese dos textos sacros e da explicitação da culpa implícita ao gênero humano.

A percepção do mundo isidoriana deixa claro que o estado, neste caso a monarquia visigótica tem como função e *raison d'être* a coerção, a repressão e a extirpação do pecado. A política se legitima na função de repressão do pecado inerente ao gênero humano, desde a queda. O estado não tem como na cultura clássica o objetivo da *res pública*, do bem estar do cidadão. Sua perspectiva é negativa, de repressão e coerção. A segunda vinda de Jesus Cristo está na direta dependência da vitória da igreja na luta contra o Diabo, seus asseclas e na extirpação dos pecados.

Referências

Documentação primária

ISIDORO DE SEVILHA. Los tres libros de las "Sentencias" In: **Santos padres españoles: San Leandro, San Isidoro, San Fructuoso**. Introducciones, versión y notas de J. Campos Ruiz y I. Roca Melia. Madrid: BAC, 1971. v. II.

Obras de apoio

BASTOS, M. J. da M. **Religião e hegemonia aristocrática na Península Ibérica (séc. IV-VIII)**. Tese (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

FELDMAN, Sergio Alberto. **As obras de Isidoro de Sevilha e a questão judaica: perspectivas da unidade político-religiosa no reino hispano visigodo de Toledo**. Curitiba: Prismas, 2017.

FRANCO Jr., Hilário. **Idade Média, nascimento do ocidente**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

GARCIA, B. R. **Espiritualidad y "lectio divina" en las "Sentencias" de S. Isidoro de Sevilla**. Zamora: s.n., 1980.

ORLANDIS, J. **Historia del reino visigodo español**. Madrid: Rialp, 1988.